

MAIA,  
Mariana

# DE/SOBRE/FEITAS POR MULHERES: Mulheres Negras nas Artes Visuais

Mariana Maia<sup>1</sup>

## RESUMO

O texto aborda a forma como as mulheres negras se articulam através da história para produzir imagens questionadoras da sociedade patriarcal branca. A ênfase está na realidade brasileira, fruto de um sistema escravocrata, que perpetua o racismo nas formas de lidar com a presença dos corpos de mulheres negras nas artes visuais. O texto propõe uma nova forma de olhar para a história da construção de imagens pelas mulheres negras, em uma conexão com o feminismo negro. Versa, ainda, sobre a pesquisa desenvolvida sobre dez artistas negras que merecem reconhecimento diante da importância de seus trabalhos para a história da arte.

## PALAVRAS-CHAVE

*Arte Afro-brasileira, Mulheres Negras, História da Arte, Feminismo Negro, Racismo.*

E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher?<sup>2</sup> Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?<sup>3</sup>

Mulheres negras nas artes visuais é um acontecimento recente, apesar delas expressarem-se artisticamente desde tempos imemoriais. Olhando para a arte hegemônica, presente nos livros, as mulheres negras não têm quase nenhuma representatividade. O Brasil, país de maioria afrodescendente, acompanha esse dado, mesmo na

1 Mariana Maia é Artista Visual desde 2008, possui formação em História da Arte, com Mestrado em Artes/ UERJ, atua como professora na na SME/ Rio de Janeiro e SME/ Duque de Caxias. Desenvolve trabalhos com múltiplas linguagens. Pesquisa questões referentes a negritude, a interação com o público e aos corpos femininos. E-mail: maiamariana@gmail.com.

2 Truth, Sojourner. Ains't I a woman? 1851.

3 Davis, Angela.

contemporaneidade. A explicação, possivelmente, está nas questões sociais que envolvem as populações afrodescendentes no Brasil e em outros lugares do mundo. Imensos problemas gerados pela colonização da África e da escravidão são sentidos no ceio da sociedade contemporânea. As mulheres negras sempre tiveram a existência apagada e a fala silenciada, nas artes visuais não é diferente. Passados mais de 130 anos do fim da escravidão negra no último país do mundo, as mulheres negras lutam para existir e resistir.

Segundo Djamila Ribeiro sobre o discurso de Sojourner Truth:

...ela já anunciava que a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas.<sup>4</sup>

Sojourner Truth, importante oradora, que defendeu o fim da escravidão nos Estados Unidos da América, no seu famoso discurso *Ain't I a woman?*, em Ohio, no ano de 1851, questiona o status desumano atribuído as mulheres negras na sociedade ocidental. As questões de gênero e raça fazem com que elas sejam vistas como menos que homens, menos que mulheres. Durante a escravidão as mulheres negras suportaram o peso do trabalho forçado, torturas físicas e mentais, constantes estupros, desintegração do sentido de família, subjugação cultural. No Brasil, mulheres negras são vistas como mais fortes que o restante da população, assim, o peso, a tanto tempo imposto, não cessa. Esse peso que remonta o sistema de escravidão, adoece e mata.

O racismo no Brasil é reconhecido por lei (nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989), mas muitos acreditam ou fingem acreditar que ele não existe. Dados estatísticos, noticiários e falas persistentes, atestam diariamente a existência do racismo e dos corpos de negros e de negras que jazem. No entanto, a sociedade brasileira não enfrenta com efetividade o seu passado escravocrata e o seu presente racista, assim, temos muito para avançar. Quando a questão envolve além da raça, o gênero, estudos e falas são ainda mais parcos. No grupo de pesquisa “DE / SOBRE / FEITAS POR MULHERES”, escolhi artistas visuais negras para tecer minha fala, buscando uma reparação a presença negra feminina nos livros de artes. Sou, também, uma artista visual negra, que ao principiar minha vida profissional, senti falta da representatividade. Como na fala de Angela Davis, acredito, que ao realizar esse movimento, a sociedade, aos poucos, irá mudar, e caminhamos em direção a um momento mais igualitário.

## IMAGENS EM ESPELHOS

O continente africano é o mais antigo, onde surgiu a humanidade. Sabemos que manifestações visuais estão presentes entre mulheres e homens desde o seu surgimento. No entanto, o estudo sobre a arte, a cultura e a história da África, antes

---

4 Ribeiro, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro. São Paulo: companhia das letras, 2018. p.52

da colonização europeia, ainda são precários no Brasil. Apenas recentemente esse campo tem entrado nos currículos universitários. A lei 10.639 de 2003 torna obrigatório ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, incluindo o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Dezesesseis anos se passaram e a formação ainda é muito precária. Não conhecemos os artistas negros, menos ainda, as artistas negras. As histórias das artes visuais possuem grandes lacunas. As primeiras imagens que emergem desse limbo histórico são como espelhos. Refletem os corpos das mulheres negras de forma invertida e superficial. Histórias pessoais e complexidades são deixadas de lado. Tais imagens objetivam ser curiosidades exóticas para saciar perversidades de mentes eurocêntricas.

O filme *Vênus Noir* documenta a vida de Saartjie Baartman (1789-1815), sul-africana, que exibiu seu corpo de negra em performance por toda a Europa. Longe de ser uma atuação crítica, a performance de Saartjie participava de shows de variedades. Saartjie foi explorada financeiramente por homens brancos e após a morte seu corpo foi vendido para o Museu de História Natural. Partes do corpo de Saartjie, incluindo seus genitais, que eram mais alongados (característica do povo khoisan), foram exibidos no Musée de l'Homme até 1974. Nelson Mandela, então presidente, solicitou o retorno dos restos mortais de Saartjie para África do Sul, o que ocorreu apenas em 2002.

Nefertiti, rainha egípcia, se tornou mundialmente conhecida por causa de um busto, atribuído a um escultor chamado Tutmes. O busto de Nefertiti, prova da genialidade das representações visuais egípcias, também é testemunha da existência de uma mulher de grande beleza física e importância histórica. As representações visuais para os egípcios da Antiguidade tinham função ritualística, mas hoje, o busto de Nefertiti está em Berlim, muito distante do seu contexto cultural. Parte da arte egípcia foi usurpada, sendo exibida fora de contexto. *Les demoiseles de Avignon*, a famosa pintura de Pablo Picasso, mostra mulheres usando máscaras africanas, objetos fetichistas para a modernidade, distantes de seus significados divinos associados a incorporações.

No Brasil, mulheres negras aparecem em imagens de viajantes estrangeiros. Fascinados pelo céu azul, pela natureza exuberante e pelos corpos díspares. Mulheres negras, assim como as indígenas, são devidamente catalogadas, em etnias, miscigenações e tipos, como frutas, flores e animais, muito distantes da complexidade que nos mostra humanos. Albert Eckhout (1610-1666) e Frans Post (1612-1680), artistas holandeses viajantes, na companhia de Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679), viajaram pelo nordeste brasileiro registrando de forma etnográfica a presença da mulher negra. Corpos despídos em meio a paisagens naturais, corpos em trabalho braçais são exibidos. Mais tarde a missão artística francesa liderada por Joachim Lebreton (1760-1819), com Jean Baptiste Debret (1768-1848) e Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830) teve objetivos semelhantes, registrando, também, costumes e interações sociais onde as negras e negros aparecem na função social servil. Debret produz cadernos de viagens e mais tarde Johann Moritz Rugendas faz o mesmo. No início do século XX, vários fotógrafos registram em estúdios os corpos negros, sempre associados

a funções servis. Todas essas imagens ajudam a criar um imaginário social estrangeiro sobre o Brasil. A história perversa das imagens construídas também embranquece negros que se destacam em diferentes campos. Quando olhamos as fotografias de Machado de Assis, Chiquinha Gonzaga e tantos outros, temos a dificuldade de perceber que são pessoas negras. A história da arte parece mesmo apagar a presença negra.

## OUTRAS HISTÓRIAS

Ô Abre Alas,  
Que eu quero passar<sup>5</sup>

A maioria da população brasileira é afrodescendente, mas o sistema escolar aborda muito pouco a história dos poderosos Estados e Impérios africanos anteriores a colonização europeia. Outras histórias, no entanto, sobrevivem na boca dos griots. Histórias contadas em ambientes familiares, religiosos, espaços de resistência, mostrando a negritude distante da opressão da escravidão. Quando África e Europa confrontam suas diferentes formas de ser, a partir do século XV, o reino do Congo, mais as Cidades-Estado Iorubás, Axantis e Daomeanas e outras regiões da África, pouco a pouco são destruídas. Indivíduos de grupos, nações e etnias diversas são colocados em conflito, uma estratégia de dominação que, em alguns casos, dura até hoje. Mas a herança cultural africana resiste no Brasil através de pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal, afirmação cultural e atitudes dissimuladas. Imagens que ecoam da África estão presentificadas na cultura e na arte brasileira. Ganham força e voz pujante com a presença de mulheres negras na arte contemporânea.

*Os mestres e gênios canônicos era invariavelmente homens brancos, educados formalmente e europeus (...) Do outro lado, os artefatos do resto do mundo, em especial aqueles produzidos por artistas das antigas colônias sem emular os estilos e formas europeus ou sem uma educação europeia - o objeto exótico, primitivo, tribal e folclórico.<sup>6</sup>*

A força das populações negras, principalmente das mulheres, tem sofrido diversas tentativas de apagamento. Mas sabemos dos diversos levantes e revoltas, muitos com participações notáveis de mulheres, os conflitos envolvendo o Quilombo dos Palmares, em Alagoas; a Revolta dos Malês, na Bahia; a Balaiada, no Maranhão e outros movimentos. Resistimos adornados pelas cores de nossos ancestrais, que se presentificam em histórias, canções, formas arquitetônicas, incorporações. Estima-se que o Brasil recebeu 10 milhões de pessoas escravizadas da África do século XVI até o século XIX. Muitos registros foram destruídos ou se mostram imprecisos, o que dificulta

---

5 Gonzaga, Chiquinha. Ô Abre Alas. A primeira marchinha carnavalesca da história, composta em 1899.

6 Pedrosa, Adriano. History, Histórias. In Histórias afro-atlânticas: [vol. 1] catálogo de exposição. São Paulo: MASP: Instituto Tomie Ohtake, 2018. p.30

remontar as origens africanas do povo brasileiro. As mulheres negras, porém, cantando, ensinando, cozinhando, comercializando nas ruas, são o elo com a herança africana. Apesar de os nomes de artistas coloniais afrodescendentes registrados pela história serem apenas de homens, como: Manoel da Costa Ataíde, Valentim da Fonseca e Silva e Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho); as mulheres negras sempre estiveram presentes criando todo um repertório imagético que sobrevive no seio da cultura e da arte brasileira. Ao olhar para o passado histórico não conseguimos remontar o nome de nossas artistas negras, mas elas estavam lá, na arte do cotidiano, na lida diária do cozinhar, do costurar, do bordar, envolvidas em barracões, preparações de festas e rituais. Yabás, mães rainhas. Os espaços oficiais de produção de arte e cultura nos são historicamente negados, mas ainda assim nos expressamos e fazemos arte.

*A cultura negra apresenta uma estreita relação entre Arte e Vida, fazendo com que exista uma profunda ligação entre as diversas formas de manifestação artística com os fatores sociais, históricos e culturais específicos das comunidades em que surgiram e onde se desenvolveram.<sup>7</sup>*

Não é possível entender a arte e a cultura afro-brasileira sem pensar a sua estreita relação com a vida. Para ver a arte afro-brasileira é preciso descolonizar o olhar. Os mesmos objetos assumem muitas funções, podem ser úteis, ritualísticos, artísticos, simbólicos. Através dos quitutes de Tia Ciata que surgiram as movimentações do samba. A escola do samba existe porque a mulher negra faz com que ela exista.

## Sou Negra

Da favela, da humilhação imposta pela cor  
 Eu me levanto  
 De um passado enraizado na dor  
 Eu me levanto  
 Sou um oceano negro, profundo na fé,  
 Crescendo e expandindo-se como a maré.

Deixando para trás noites de terror e atrocidade  
 Eu me levanto  
 Em direção a um novo dia de intensa claridade  
 Eu me levanto  
 Trazendo comigo o dom de meus antepassados,  
 Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.  
 E assim, eu me levanto  
 Eu me levanto  
 Eu me levanto.<sup>8</sup>

7 Theodoro, Helena. Mito e espiritualidade: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996. p. 118.

8 Angelou, Maya. Still I Rise - Ainda assim eu me levanto, 1978.

De pronto unas voces en la calle  
me gritaron ¡Negra!  
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!

“¿Soy acaso negra?” – me dije ¡Sí!  
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!  
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. Negra!<sup>9</sup>

A mulher negra nunca precisou lidar com o termo “sexo frágil”. Em verdade, as mulheres negras são vistas como mais fortes que as demais. Tendo sobrevivido a toda violência da escravidão, hoje, mulheres negras, precisam lidar com a violência obstétrica, solidão, depressão, feminicídio e outros males, de forma muito mais intensa do que mulheres brancas. Após o fim da escravidão, papéis sociais semelhantes são impostos para as mulheres negras. A doméstica, a lavadeira, a cozinheira. Papéis contemporâneos que em grande parte reproduziam os mesmos da escravidão. Segundo Angela Davis<sup>10</sup>, na realidade norte americana, a almejada emancipação das mulheres negras ocorreu através da posse de terras, pelo direito ao voto e pela educação. No Brasil, a lei de cotas raciais vai facilitar que mais mulheres negras estejam nas mais diversas profissões, ampliando seus poderes de fala e decisão na sociedade. O protagonismo negro feminino, porém, não ocorre sem muitas lutas, embates e até mortes. Ser feminista para a mulher negra é quase uma imposição. Chimamanda a respeito do livro *Hibisco Roxo*:

*...as pessoas estavam dizendo que meu livro era feminista (...) Mais tarde, uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano e que, se eu me considerava feminista, era porque havia sido corrompida pelos livros ocidentais.<sup>11</sup>*

A mulher negra luta pelos seus direitos a todo tempo, pois nasce com o epíteto do racismo. Querendo ou não, precisa lidar com o fato de ser uma mulher negra em uma sociedade patriarcal branca. Viver é levantar-se todos os dias e sobreviver a uma sociedade que se impõe contrária e que grita com fúria no olhar “negra”. Palavra que Victoria Santa Cruz resignifica. “Negra” que a princípio aparece como uma triste imposição, vira grito de luta e afirmação, o despertar da consciência e do orgulho negro.

## **Mulheres Negras nas Artes Visuais**

A primeira artista negra que tive notícia ao principiar meus estudos acadêmicos foi Rosana Paulino. Durante muito tempo não soube citar outra artista negra que não

9 Santa Cruz, Victoria. *Me gritaron negra*. 1960.

10 Davis, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

11 Adichie, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.33

fosse ela. Podemos dizer que é uma artista consagrada. Mas devido a sua qualidade artística e trajetória, acredito que ainda não teve reconhecimento suficiente no Brasil. A sua obra *Bastidores*, traz uma nova consciência sobre uma atividade associada as mulheres, mas que não possui grande reconhecimento expressivo, o bordado. Em seus *Bastidores*, o bordado aparece como forma de apagamento. Imagens fotográficas de mulheres têm suas bocas, olhos, gargantas tampados através da linha do bordado. Uma atividade delicada ganha viés de crueldade, evidenciando o cerceamento da mulher negra na sociedade.

Sônia Gomes também usa a linha de costura, com tecidos cheios de memórias, para criar formas que tomam o espaço expositivo. A artista possui reconhecimento internacional e importantes museus brasileiros têm exposto seu trabalho. Mas é evidente que muitas artistas negras têm dificuldade em adentrar os espaços oficiais de arte.

Aos sessenta e quatro anos, Aparecida Silva mostra com segurança, em sua quarta exposição individual, “Meu Túnel”, trabalhos conceituados e de grande maturidade artística. Seu trabalho tem ganho espaço, nos últimos anos, em mostras no Rio de Janeiro e em outros estados. Como outras artistas negras, começa a despontar em idade mais avançada. Suas imagens, obtidas através de processos alternativos de fotografia, mostram a cidade de forma fragmentada. Enigmáticos e de difícil precisão, os trabalhos de Aparecida, mostram muitas vezes, imagens do subúrbio carioca. Face desconhecida por muitos, pois está distante do Rio de Janeiro dos cartões postais. A artista é uma experimentadora e fala com entusiasmo da sua forma de criar:

*Eu sou verdadeiramente apaixonada pelos processos alternativos fotográficos, ele me encanta, porque oportuniza observar e pesquisar efeitos de luz e desconstrução da ideia de fotografia tradicional. Possibilidades de criação, às vezes, de universos totalmente oníricos, desdobramentos que vão além do tempo/espaço.<sup>12</sup>*

O olhar de Aparecida Silva nos possibilita ver a cidade de formas outras, em ângulos, técnicas, experimentações. As histórias das imagens cariocas ganham ao abrir as portas de espaços oficiais de arte para seu trabalho tecnicamente único e propulsor de questões.

A artista afro-cubana, Belkis Ayón, também, propunha um olhar inovador na área de gravura. Suas enigmáticas imagens abordam a religiosidade de matriz africana, através da mitologia Abakuá. Através da personagem Sikán, vai além, questiona a voz da mulher negra dentro da sociedade cubana. Ao adentrar mistérios sagrados de domínio masculino, a personagem Sikán é silenciada. Através de uma história ancestral, Belkis Ayón aborda a situação contemporânea da mulher negra.

No ano de 2018 ocorre “Corpas: encontro de performances de mulheres negras”, dentre outras motivações, para abrir espaço na cena para as mulheres negras, para a livre performance de seus corpos e poder de suas falas. A forma de encontro propiciou

---

12 Silva, Aparecida. Entrevista concedida em 2019.



que as artistas participantes juntassem suas potências e percebessem relações nas suas motivações de expressão. Corpas também colocou em questão o Rio de Janeiro, cidade partida, onde subúrbio e centro ainda mostram dificuldades em se comunicar.

O *graffiti* é uma forma de expressão artística que questiona a cidade em suas formas de lidar com os problemas sociais. No entanto, o *graffiti* é uma linguagem dominada pelos homens, onde as mulheres encontram grandes dificuldades em se colocar. A artista do graffiti, Criola preenche os muros da cidade com representações de estética negra. Imagens que provocam reflexões acerca de padrões hegemônicos. São imagens sofisticadas realizadas através da popular arte urbana, tendo a cidade como espaço expositivo. Criola que já foi modelo, hoje, colore corpos femininos com tintas e ancestralidade.

Maria Auxiliadora da Silva colocava um pouco dela nas pinturas. O cabelo crespo servia de materialidade das obras. Recentemente a artista ganhou uma grande exposição no MASP. Reconhecimento devido, dada a potência poética de seu trabalho. Auxiliadora vem de uma família de artistas, mas começou a vida profissional como doméstica. Também foi bordadeira e incorporou as tramas do bordado em sua expressão pictórica. Colocava em temas a sua relação com a cidade natal e com São Paulo, onde residiu quase toda vida. Foi taxada de *Naif*, um termo que foi associado aos artistas populares, muitas vezes vistos como de menor importância. Morreu prematuramente de câncer, deixando diversas pinturas que hoje estão em museus pelo mundo.

Hoje, curadores e curadoras negras, como Diane Lima, fazem das questões afro-brasileiras temas de mostras e festivais, permitindo que mais artistas negros alcancem a projeção de seus trabalhos.

A coletiva Mulheres de Pedra vem de um bairro distante do centro do Rio de Janeiro. Um grupo de mulheres talentosas individualmente, que se organizaram coletivamente para criar, dentre outros trabalhos, produções audiovisuais de grande qualidade, que mostram de maneira belíssima a ancestralidade afro-brasileira. Ganadoras de prêmios de cinema, participantes de mostras internacionais, têm pouco espaço no mercado cinematográfico brasileiro, como outras artistas negras do audiovisual. Mulheres de Pedra também se configura como um espaço de promoção da cultura afro-brasileira no bairro de Pedra de Guaratiba, interagindo com a comunidade através de saraus e festivais, movendo indivíduos de outras localidades, fazendo com que percebam o subúrbio carioca como um lugar que também promove cultura de altíssima qualidade.

Precisamos ver mais musas como Michelle Matiuzzi performa seu corpo de negra de maneira visceral na cena contemporânea mundial. As histórias da arte se tornam mais interessantes e transformadoras com a estética e a fala produzida por essas artistas negras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CONDURU, Roberto. *Arte Afro-brasileira*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FAJARDO-HILL, Cecilia e GIUNTA, Andrea. *Mulheres Radicais: Arte Latino-americana, 1965-1980*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.
- HOOKS, bellz *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- LOPES, Nei. *História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.
- PEDROSA, Adriano e TOLEDO, Tomás. *Histórias afro-atlânticas: [vol. 1] catálogo de exposição*. São Paulo: MASP: Instituto Tomie Ohtake, 2018.
- PEDROSA, Adriano, CARNEIRO, Amanda e MESQUITA, André (org). *Histórias afro-atlânticas: [vol. 2] Antologia*. São Paulo: MASP, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: companhia das letras, 2018.
- THEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996.